

## TRABALHANDO O PROCESSO INFERENCIAL ATRAVÉS DE *CHARGES* EM TURMA DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Patricia Roberta da Silva

Thaís de França Rigueira<sup>1</sup>

### RESUMO

Essa pesquisa objetiva investigar qual o nível de inferência de uma turma de alunos do nono ano de uma escola de caráter particular, observando como acontece esse processo de compreensão leitora através de duas *charges* previamente escolhidas para aplicação da atividade. Utilizando os conceitos de inferência estudados por Coscarelli (2002), Ferreira e Dias (2004), Guaresi (2009), Oliveira (2014) e Marcuschi (2007), que também propõe o conhecimento cognitivo no processo inferencial. A pesquisa tem natureza metodológica com base qualitativa, buscando o aprofundamento da compreensão sobre o assunto exposto acerca da turma selecionada, tendo como *corpus* a seleção de doze análises de alunos, dividindo três questões sobre cada charge proposta, observando como eles conseguem inferir seu conhecimento cognitivo para além do que está sendo mostrado na atividade. Através dessa análise, podemos verificar a necessidade de trabalhar com mais afinco e diversidade esse tipo de gênero com os alunos.

**Palavras-chave:** Inferência, Conhecimento cognitivo, Compreensão leitora.

### ABSTRACT

This research intends to investigate what the inference's level in a ninth grade class of private in a middle school, noticing how happen this reading's understanding process through the two previously chosen cartoons to the application of the activity. Using inference's concepts studied by Coscarelli (2002), Ferreira e Dias (2004), Guaresi (2009), Oliveira (2014) and Marcuschi (2007), which also proposes cognitive knowledge in the inferential process. The research has a methodological nature with a qualitative basis, seeking to deepen the understanding about the subject exposed about the selected class, having as corpus the selection of twelve students analyzes, dividing three questions on each proposed cartoon, noticing how they manage to infer their cognitive knowledge beyond what is being shown in the activity. Through this analysis,

---

<sup>1</sup>Alunas de Especialização em Linguística aplicada ao ensino de Língua Portuguesa da Universidade de Pernambuco *Campus* Mata Norte. Artigo científico para obtenção da nota da disciplina Semântica e Pragmática, ministrada pela Prof<sup>a</sup> Ms<sup>a</sup> Joseane Laurentino de Brito Lira em Novembro de 2016.

we can check the need to work more hard and diversity this type of gender with the students.

**Keys-words:** Inference, Cognitive knowledge, Reading's understanding.

## 1. INTRODUÇÃO

O processo de compreensão do indivíduo parte de um exercício sistemático e íntimo com a linguagem. É algo que vai além da simples decodificação de informações explícitas, pois exige um alto entendimento de uma série de fatores que se interligam na construção de sentidos do texto.

A partir das inferências, o sujeito constrói significados que podem estar expressos ou subtendidos no conteúdo apresentado e é ultrapassado por eles, vivenciando o “mundo” do autor. Nesse sentido, foram aplicadas algumas perguntas referentes a duas charges a fim de que os alunos de uma escola do nono ano do ensino fundamental realizassem determinadas inferências e a partir delas refletissem sobre o conteúdo dos textos apresentados. Ao decorrer da aplicação foram percebidos diferentes resultados para cada charge, o que nos levou a considerar o fato de que diferem em relação à forma – uma verbal e outra não-verbal – e ao conteúdo – uma tem caráter político e outra se refere aos impactos ambientais.

Diante disso, foi possível vivenciar as considerações feitas por Coscarelli (2002), Ferreira e Dias (2004), Guaresi (2009), Oliveira (2014) e Marcuschi (2007) a respeito do processo inferencial e de seu caráter social, visto que a realização de inferências vai além do mero conhecimento linguístico.

Trata-se, pois, da relação de diferentes conhecimentos (linguísticos e sócio-culturais) que interagem para a construção de determinado significado, extrapolando as barreiras extra-linguísticas e assim tecendo um todo coerente.

## 2. ASPECTOS SOBRE COGNIÇÃO E INFERÊNCIA

O processo de compreensão é permeado por complexas inter-relações entre elementos implícitos, explícitos, contextuais e socioculturais, ou seja, vai muito além de apenas extrair informações presentes no texto/fala. Ao analisarmos um enunciado, é

preciso que se estabeleça uma “ponte” entre as intenções linguísticas presentes em sua elaboração e situação em que o mesmo é empregado, pois todo texto é ultrapassado pelos múltiplos sentidos e interpretações a que está sujeito.

A partir desse contexto, Marcuschi (1988, p.89-90) reflete sobre o trabalho com a linguagem que constitui o processo de compreensão:

A interpretação dos enunciados é sempre fruto de um trabalho e não uma simples extração de informações objetivas. Como o trabalho é conjunto e não unilateral, pois compreender é uma atividade colaborativa que se dá na interação entre leitor-texto-autor ou ouvinte-texto-falante, podem ocorrer desencontros. A compreensão é também um exercício de convivência sociocultural.

A partir do processo comunicativo entre leitor-autor e ouvinte-falante, há a possibilidade de que ocorram incongruências na recepção e, conseqüentemente, compreensão da mensagem transmitida devido às diferentes vivências e pontos de vista dos sujeitos. Por ser um “encontro”, o processo de compreensão exige que o receptor se coloque no lugar de quem transmite a mensagem, analisando não apenas o que foi dito mas as intenções linguísticas envolvidas, suas escolhas lexicais e os fatores externos à fala. Pois, compreender provém de todo um exercício linguístico, já que é preciso levar em consideração diferentes fatores a fim de se entender a mensagem transmitida no processo de interação.

A concepção cognitiva considera também o contexto social em que a interação leitor-autor, via texto, se dá. Nesta perspectiva, o conhecimento prévio do sujeito leitor (conhecimentos linguísticos, textual e de mundo), que é construído nas interações sociais ganha especial destaque. Dessa forma, quanto maior for o conhecimento compartilhado entre autor e leitor, ou produtor e receptor, melhor será a compreensão. (OLIVEIRA & SILVEIRA, 2014, p.93)

Por levar em conta os conhecimentos de mundo do leitor/receptor ao passo que este busca compreender algo, é essencial que sua bagagem sócio-cultural se assemelhe pelo menos minimamente aos conhecimentos do autor/falante para que ocorra um bom entendimento. Caso as vivências sejam distintas, ocorrerão alguns desencontros quanto aos sentidos que ambos os participantes da interação possam empregar dentro de um

determinado contexto, ou seja, o objetivo linguístico de um pode ser interpretado de forma inadequada pelo outro.

Diante desse trabalho com a linguagem, a compreensão do que foi dito está intimamente ligada às inferências que o indivíduo é capaz de realizar, e é a partir delas que este interpreta coerentemente ou não as informações apresentadas.

Ao decorrer do tempo, surgiram diferentes conceitos acerca das inferências devido à sua complexidade, como por exemplo McLeod (1977) que acreditava que ocorrem apenas na escrita e Morrow (1990) que as caracteriza como o uso de informações implícitas no texto. O fato é que estas devem partir do texto, e mesmo ao ultrapassá-lo tomar suas bases como referente, evitando a livre interpretação dos leitores e suas vontades individuais.

Basicamente, encontram-se dois tipos de inferências no que tange à sua classificação segundo Coscarelli (2002): as conectivas –que estabelecem a coerência textual - e as elaborativas – que são utilizadas para enriquecer as informações trazidas pelo texto.

As inferências conectivas têm caráter temporal, causal, espacial, lógico e intencional ao ligar diferentes partes do texto, já as elaborativas não alteram seu sentido se não forem inferidas, pois tratam-se de informações extra, não-essenciais.

Quanto ao seu tempo de processamento, isto é, quando ocorrem, há muitas controversas quanto a assimilação das inferências e vários fatores devem ser considerados para que se realizem, como a linguagem utilizada, os objetivos da leitura, a familiaridade do sujeito com o assunto proposto e o tempo de leitura.

Dentre as questões tidas como coerentes pela maioria dos teóricos voltados a esta discussão estão os fatos de que diferentes tipos de inferência são processadas em momentos distintos e as mais facilmente adquiridas são as que constituem o sentido do texto, ou seja, as essenciais a sua compreensão. Daí depreende-se que as inferências conectivas são mais facilmente compreensíveis que as elaborativas, pois sua compreensão torna-se necessária para que o indivíduo veja o texto como um todo coerente, observando desde seu sentido até sua estrutura.

### 3. IMPRESSÕES ACERCA DA APLICAÇÃO DA ATIVIDADE

Para aplicação da atividade, selecionamos duas charges com assuntos de caráter atual e através delas foram feitas perguntas afim de que fosse aguçado o conhecimento cognitivo do aluno para que então ele inferisse em suas respostas.

Foi escolhida uma turma composta de 19 alunos do nono ano do ensino fundamental de uma escola particular. A primeira charge usada para a aplicação foi a charge seguinte:



Figura 1. Fonte: Blog Sorriso Pensante<sup>2</sup>

Para esta imagem, foram apresentadas três perguntas aos alunos para que através delas fossem acionando suas inferências. Na primeira, perguntamos o seguinte:

a) A professora e o aluno estão falando do mesmo assunto? Explique.

As respostas selecionadas constam abaixo:

Aluno 1: Não, porque ela está falando sobre o sujeito da oração da frase que está no quadro, já o aluno está falando da realidade da frase.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.ivancabral.com/> acesso em novembro de 2016.

Aluno 2: *Não, a professora está perguntando quem é o sujeito da oração, no sentido gramatical, e o garoto entende que ela está perguntando quem confia nos políticos. Ou seja, ela está falando de gramática e o garoto de política.*

Segundo Coscarelli (2002, p.10) “Processos inferenciais costumam ser realizados em todos os processos envolvidos na compreensão. Por exemplo, (...) quando depreende a ideia principal de um texto, está fazendo inferência”. Nesse caso, podemos observar com clareza que ambos os alunos conseguiram fazer essa ligação quando percebem quais os assuntos expostos no texto. Eles têm a noção do que é o sujeito, enquanto objeto sintático, e o que é o sujeito, enquanto objeto social (os eleitores).

Na segunda pergunta, pedimos para o que alunos fossem mais enfáticos em suas respostas:

*b)A partir da frase colocada no quadro, a professora faz uma pergunta que é entendida de uma forma diferente pelo aluno. Com base nisto, qual tipo de sujeito é perguntado pela professora e qual é respondido pelo aluno?*

Aluno 3: *Sujeito da professora: o assunto da língua portuguesa. Sujeito do aluno: Os políticos*

Aluno 4: *A professora perguntou o sujeito da oração, que é “o eleitor”, mas o aluno leva a frase a sério e diz que é um “mané”.*

Na segunda pergunta, é notório que o aluno 4 não conseguiu inferir acerca do que realmente é pedido pela professora, nem qual o sujeito a que se refere o garoto da charge, por outro lado o aluno 3 conseguiu fazer essa inferência.

Na visão de Ferreira e Dias:

Na leitura, entendida como um encontro à distância entre leitor e autor via texto, ambos constituem-se e são constituídos através desse encontro e confronto de significados gerados em interação de cada qual com o seu mundo. Na interação que mantém com o autor, via texto, o leitor, ao compreendê-lo, vai modificando, ajustando e ampliando as suas concepções, as quais exercem impacto sobre a sua percepção. (FERREIRA & DIAS, 2004, p. 440)

Assim, o impacto feito através da leitura da charge foi maior sobre o aluno 3, que conseguiu estabelecer os tipos de sujeitos perguntados, exercendo de forma mais ampla sua percepção sobre a pergunta feita. Claro que existe a necessidade de um conhecimento prévio acerca do que é sujeito enquanto objeto sintático, o que possivelmente é desconhecido pelo aluno 4.

Percebemos que este consegue entender sobre qual é o assunto geral exposto na charge, mas não consegue inferir de maneira positiva, pois ele também não conseguiu entender que o sujeito ao qual o garoto refere-se são os eleitores e não os políticos. Silva (1996) APUD Ferreira e Dias (2004, p.440), afirma que “a interpretação configura-se como um nível mais profundo de desvelamento de significados”, observados não apenas no aluno 3, mas também nos alunos 1 e 2 da pergunta anterior.

A próxima pergunta pretende levar o aluno a inferir sobre seu conhecimento acerca do cenário político:

*c) De que forma a frase colocada no quadro influenciou na resposta do aluno?*

*Aluno 5: A influência fazendo-o pensar, no seguinte assunto: devemos pensar seriamente ao pôr um político no poder que isso pode decidir também se o Brasil vai pra frente ou para traz.*

*Aluno 6: Hoje em dia muitos políticos são corruptos e confiar neles é idiotice.*

Marcuschi (1988, p.95), ao falar sobre os processos inferenciais, afirma que estes “são processos cognitivos nos quais os falantes e os ouvintes, partindo da informação textual e considerando o respectivo contexto, constroem uma nova representação semântica.”

Quando é dado ao leitor essa liberdade de nova construção semântica, “as inferências introduzem informações por vezes mais salientes que as do próprio texto” (MARCUSCHI, 1988, p.95), o que reforça a resposta do aluno 6. O aluno pode inferir que a honestidade não é característica dos políticos e que se um eleitor confia nele, estará sendo um “mané”.



Já o aluno 5 exerce o que Marcuschi chama de Horizonte problemático, no qual são apresentadas inferências que não estão totalmente inadequadas, mas que ultrapassa as barreiras de interpretabilidade do texto. A resposta dada pelo aluno 5 se infere no contexto geral da charge (o cenário político), mas não no contexto que delimita a pergunta apresentada.

Na mesma atividade trouxemos uma segunda charge a fim de perceber como se dá a leitura de imagem do aluno.



Figura 2 Fonte: Google Imagens

Para a primeira pergunta, questionamos o seguinte:

*a)A imagem retrata uma crítica à exploração dos recursos naturais e minerais no Brasil. Levando em consideração as cores da bandeira e a representação de cada uma delas, o que está acontecendo com nosso país?*

*Aluno 7: Está imagem retrata o verde que representa a nossa vegetação que está sumindo e dando espaço a desmatamento da cor amarela.*

*Aluno 8: Nosso país está sendo destruído por corruptos,além da exploração que acontecem todos os dias, desmatamento da natureza. O Brasil está se afundando na lama que seus próprios filhos fixeram.*



Quando se é analisado charges que possuem em sua composição um caráter voltado mais para o não-verbal, é preciso que o indivíduo observe as pistas que a imagem proporciona, pistas essas que exigem o conhecimento de mundo para que haja a resignificação.

Guaresi (2009, p.205) afirma que “No caso das imagens, *charges* e *cartoons*, também há a intenção comunicativa e também são signos, ou melhor, a imagem icônica é o complexo de signos usados para comunicar uma mensagem”. Dessa forma, se o conhecimento de mundo falha, a intenção comunicativa da imagem não ocorre. E é o que podemos notar nas duas respostas dos alunos 7 e 8.

O aluno 7 utiliza as cores da bandeira para explicitar sua opinião e acaba associando a cor amarela ao desmatamento (desmatação, na escrita do aluno) de forma errônea, enquanto que o aluno 8 associa o desmatamento à pessoas corruptas.

De acordo com o enunciado, esperávamos que os alunos inferissem que cada cor da bandeira nacional tem sua representatividade e que cada uma delas, no contexto da *charge*, reflete o que está acontecendo no país.

Na segunda questão, pedimos para o aluno inferir sobre uma figura peculiar na imagem:

*b)A figura de um homem retratado na parte superior direita na imagem é conhecida como “Tio Sam”, símbolo nacional mais forte dos Estados Unidos. O que sugere esta figura inserida nesse contexto na bandeira nacional?*

Aluno 9: *Sugere uma forte influência dos Estados Unidos sobre o Brasil, e que esta se sobrepondo ao Brasil roubando todo o dinheiro se tornando o berço do Capitalismo.*

Aluno 10: *Essa figura sugere que os Estados Unidos explora nossos recursos naturais.*

Mais uma vez observamos incoerências. O aluno 9 infere que os Estados Unidos tem forte influência sobre o Brasil, mas a leitura extrapola quando afirma que os Estados Unidos tornou-se berço do Capitalismo e ocorre o que Marcucshi (2011, p.99)

chama de “horizonte indevido”, ou seja, a leitura tornou-se errônea. A inferência do aluno 10, mesmo faltando elementos, consegue se aproximar mais do que é questionado.

E na última questão, perguntamos sobre outros aspectos presentes na *charge*:

*c)Na parte esquerda da bandeira, na parte já sem cor, é possível ver alguns cactos, árvore predominante em regiões secas. O que se pode afirmar a presença de cactos na bandeira nacional sendo desmatada?*

Aluno 11: *As zonas precárias do país*

Aluno 12: *Pode ser afirmado é visto o desprezo do Brasil em determinadas ares, que não recebem nenhum auxílio para que possa seguir rumo e não sofrer desigualdade social.*

Observamos que o aluno infere apenas que o cacto está ligado a áreas precárias, enquanto que o segundo infere que o cacto está associado ao desprezo (desprezo, na escrita do aluno) nas áreas (ares, na escrita do aluno) em que este tipo de planta está presente.

O aluno 12 ainda infere serem essas áreas vítimas de desigualdade social e que não recebem auxílio. Segundo Guaresi (2009, p.216) “A *charge* exige do leitor um específico conhecimento de mundo” e nessa última imagem analisada é notório os baixos índices não apenas de conhecimento de mundo, mas também de conhecimento primários de séries iniciais, como a representatividade das cores da bandeira.

#### **4. RESULTADOS**

Ao final da análise dessa atividade, das doze respostas selecionadas para esta pesquisa, podemos perceber que os alunos possuem mais dificuldade em textos não-verbais (figura 2) do que verbais/não-verbais (figura 1).

As respostas para as perguntas na figura 1 se aproximaram do que se entende por processo inferencial, enquanto na figura 2 houve um distanciamento consideravelmente preocupante. Isso pode ocorrer em virtude do pouco trabalho que deve ter sido feito com esse tipo de gênero em sala de aula, já que as charges/tirinhas em que a linguagem verbal é utilizada apresentam aos alunos informações que podem servir de base para sua argumentação.

No caso das charges/tirinhas com linguagem não-verbal, é necessário que haja um maior empenho em compreender o contexto da imagem, analisar detalhadamente seu entorno e a representatividade que expressam, talvez por isto o resultado tenha sido um pouco menos satisfatório.

Em ambos os casos, entretanto, houve certo entendimento quanto as questões abordadas, a diferença é que na charge não-verbal este entendimento foi mais fragmentado, os alunos não conseguiram alcançá-lo na mesma proporção da charge anterior.

Outro ponto a ser considerado é que o primeiro texto se insere no âmbito político, que vem sendo bastante abordado pela mídia na atualidade – o que pode ter favorecido sua interpretação – e o segundo, trata de questões ambientais, que dificilmente são debatidas e/ou apresentadas aos educandos.

Resumidamente, pode-se dizer que as inferências realizadas foram mais efetivas em relação a primeira charge, enquanto na segunda houve um distanciamento quanto as respostas esperadas e ao conteúdo transmitido pelo texto.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O processo inferencial influi na interpretação do indivíduo acerca dos muitos textos a que está sujeito diariamente, a partir deste o ser constrói sua compreensão acerca do que está no texto e do que o ultrapassa. Por se tratar de um processo de caráter social, a compreensão do que é transmitido depende muito das inter-relações entre os

sujeitos inseridos nesse percurso, de suas visões acerca do conteúdo e dos objetivos linguístico que partilham.

Voltando estas questões à prática realizada, percebe-se que por haver um distanciamento significativo entre os conhecimentos de mundo e vivências dos autores das charges e os alunos do nono ano, suas interpretações acerca dos mesmos textos diferem.

Os alunos apresentaram uma compreensão um pouco diferente do sentido que geralmente é atribuídos aos textos selecionados, o que espelha sua incompreensão acerca dos objetivos que os constituem.

Nota-se que conseguiram identificar alguns pontos isolados referentes ao conteúdo exposto, mas não fizeram todas as conexões pertinentes a tais textos, o que pode significar a falta de contato que os mesmos tem para com estes.

Assim, as contribuições de Marcuschi (1988) e Conscarelli (2002) reforçam a prática realizada no sentido de que embasam a disparidade de interpretações acerca do mesmo texto por pessoas com diferentes graus de conhecimento sócio-cultural.

## 6. REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSCARELLI, **Reflexões sobre as inferências**. Anais do IV CBLA – Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada: Minas Gerais, 2002. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.s3.amazonaws.com/wpcontent/uploads/2012/11/REFLEX%C3%95ES-SOBRE-AS-INFER%C3%84NCIAS.pdf> Acesso em Novembro de 2016.

FERREIRA, S.P.A; DIAS, M.G.B.B. **A leitura, a produção de sentidos e o processo inferencial**. Revista Psicologia em Estudo. v.9, n.3, p. 439-448: Maringá, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n3/v9n3a11> Acesso em Novembro de 2016.

GUARESI, R. **Inferência e imagem: Charge e Cartoon.** In: CAMPOS, J.(org) **Inferências linguísticas nas interfaces.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/inferencias.pdf> Acesso em Novembro de 2016.

MARCUSCHI, L. A. **Leitura e compreensão de texto falado e escrito como ato individual de uma prática social.** In: ZILBERMANN, R.; SILVA, E. T. (Org.). *Leitura: Perspectivas interdisciplinares.* São Paulo: Ática, 1988. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40358/3/01d17t07.pdf> Acesso em Novembro de 2016.

OLIVEIRA, F. J. D.; SILVEIRA, M. I. M. **A compreensão leitora e o processo inferencial em turmas do nono ano do ensino fundamental.** *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v.23, n.41, p.91-104, jan./jun. 2014.